

VIEIRA, Severino

*dep. fed. BA 1891-1893; sen. BA 1895-1898; min. Ind. 1898-1900; gov. BA 1900-1904; sen. BA 1906-1915.

Severino dos Santos Vieira nasceu na Vila de Ribeira do Conde (BA) no dia 8 de junho de 1849, filho de Antônio dos Santos Vieira e de Maria das Virgens.

Fez o curso de humanidades como aluno interno no Colégio São João, bairro da Vitória, Salvador, no edifício que posteriormente foi o palácio de residência dos governadores, hoje Museu de Artes da Bahia. Em 1870 ingressou na Faculdade de Direito do Recife, onde cursou até o segundo ano. Transferiu-se então para a Faculdade de Direito de São Paulo e aí recebeu o diploma de bacharel em ciências jurídicas e sociais em 1874. Em seguida foi nomeado promotor público em sua terra natal, e ainda em 1875 tornou-se juiz municipal. A partir de 1879 exerceu a advocacia, até a promulgação da reforma eleitoral (9/1/1881). Então candidatou-se à Assembleia Provincial, filiado ao Partido Conservador, e foi eleito para a legislatura 1882-1884. Foi reeleito para as duas legislaturas subsequentes e exerceu o mandato até 1887.

Com a proclamação da República, foi eleito deputado à Assembleia Nacional Constituinte, mas não chegou a participar dos trabalhos constituintes; depois da promulgação da Constituição (24/2/1891), exerceu o mandato de deputado federal de 1891 a 1893. Ao lado de Augusto Guimarães (rico comerciante, casado com a irmã de Castro Alves), Luís Viana e Sátiro Dias, integrou o diretório do Partido Republicano Federalista (PRF), pró-governo, fundado em 16 de maio de 1892. Em 1894 foi eleito senador e em 1898 renunciou ao mandato por haver sido escolhido pelo presidente da República Campos Sales (1898-1902) para chefiar o Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas (15/11/1898 a 27/1/1900). Era, então, a figura central da política baiana, e gozava de grande prestígio na esfera federal. No posto de ministro, empenhou-se para que, na sucessão Campos Sales, a candidatura de Rodrigues Alves, então presidente de São Paulo, fosse vitoriosa, como de fato o foi. Teria orientado em grande parte a campanha desse seu “grande amigo”, levando o presidente a desistir do seu candidato favorito, Quintino Bocaiúva.

Em 28 de maio de 1900, assumiu o governo da Bahia, sucedendo a Luís Viana. Encontrando o estado em grave crise financeira, decidiu não realizar obras de grande vulto, e apenas deu continuidade à construção do porto de Salvador. Dedicou-se também aos problemas de higiene, temendo a peste bubônica que, de maneira avassaladora, já se manifestava no Rio de Janeiro. Ampliou os serviços de desinfecção e, para incentivar as pesquisas bacteriológicas, enviou à capital federal o renomado cientista baiano Gonçalo Muniz, a fim de estudar com Oswaldo Cruz, em Manguinhos, o preparo do soro destinado a combater a fatídica doença.

No mesmo ano da sua posse no governo, comprou o *Diário da Bahia*, do qual foi diretor e redator chefe, e para o qual escrevia à noite, doutrinando e fortalecendo a sua corrente política. Essa atuação jornalística facilitou a organização da primeira agremiação política do estado relativamente coesa, o Partido Republicano da Bahia (PRB), por ele fundado em 15 de abril de 1901 em decorrência da cisão do PR, ex-PRF, entre vianistas e severinistas, fruto do forte personalismo que dominava a política local. Encerrado o governo em 1904, foi facilmente reeleito senador pelo PRB em 1906, ocupando a vaga de Artur Rios, que falecera durante o mandato. No Senado, foi membro das comissões de Finanças e de Instrução Pública.

Seu sucessor no governo da Bahia foi seu candidato, José Marcelino de Sousa (1904-1908). Ao longo do mandato deste, impôs sua voz de comando, até que Marcelino declarou haver cansado de ser “um governador governado”. A disputa entre os dois amigos em torno dos candidatos à sucessão de Marcelino resultou no chamado “grande cisma de 1907”, que dividiu o PRB em severinistas e marcelinistas. Os anos que se seguiram foram de ostracismo e corresponderam, provavelmente, ao período em que Severino demonstrou maior combatividade e contínua doutrinação política, através das colunas do *Diário da Bahia*. Entre as campanhas por ele conduzidas, destaca-se a de 1909-1910, quando o país foi sacudido pelas candidaturas à presidência da República de Rui Barbosa, que incorporava o civilismo, e de Hermes da Fonseca, representante do militarismo. Na Bahia, a candidatura de Rui foi fervorosamente defendida por uma legião de ruístas, entre os quais se incluíam os marcelinistas; do outro lado, a de Hermes da Fonseca foi ardentemente propagada por J. J. Seabra e os severinistas, pondo fim à velha rivalidade entre Severino

Vieira e Seabra.

Foi membro da Academia de Letras da Bahia, um dos fundadores e professor da Faculdade Livre de Direito da Bahia.

Faleceu em Salvador no dia 23 de setembro de 1917, aos 68 anos, vítima de hemorragia cerebral. O governador Antônio Muniz concedeu-lhe honras fúnebres de chefe de Estado.

Sem haver constituído casamento, Severino Vieira deixou dois filhos vivos, Isabel e Carlos Vieira. A terceira, Felícia Vieira Nogueira, casada com João Nogueira, procurador fiscal do Tesouro Nacional, já havia falecido, deixando-lhe três netas. Quando governador, era a filha Isabel que, ao seu lado, nas cerimônias oficiais, fazia as honras de primeira dama do estado.

Andréa Novais Soares de Quadros

FONTES: ABRANCHES, J. *Governos*; AMARAL, B. *Memória* (v.30, p. 4-67); ARAGÃO, A. *Bahia*; ARQ. PUB. BA. Certidão do Termo de óbito do doutor Severino dos Santos Vieira; MELLO, A. *Cartilha* (p.20-35); SAMPAIO, C. *Partidos* (p. 65-82); SENADO. *Dados biográficos dos senadores da Bahia*; *Grande Encic. Delta Larousse*; SOUZA, A. *Baianos ilustres* (p. 165); *Tarde* (23/8/1913). Bastidores da política, novidade do dia: é possível a aliança Severino – Vianna?; *Tarde* (26/9/1917). Dr. Severino Vieira: a enfermidade do chefe oposicionista; *Tarde* (27,28/9/1917). A República de luto: Faleceu o Dr. Severino Vieira; Os funerais de Severino Vieira; *Tarde* (1/5/1917). A senatoria baiana.